

Exame Final Nacional de Português Língua Segunda

(Alunos com surdez severa a profunda)

Prova 138 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2018

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

É permitida a consulta de dicionário de língua portuguesa.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

GRUPO I

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

Por mim, acho piada à casa do primo Jeremias. Telhado coberto com ardósia¹, muitas torrezinhas redondas. Por dentro, é uma confusão: três pisos, contando o sótão, montes de quartos e salas, escadas e escadinhas, recantos, corredores, enfim, a gente perde-se lá dentro. No inverno, claro, deve ser fria, mas estava-se no verão.

5 E foi nesta casa que os meus pais me deixaram, aí pelas três da tarde, depois de a D. Pureza, a governanta do primo (pelo menos, ele chama-lhe assim), me ter levado ao quarto onde eu ia dormir e me ter ajudado a arrumar a roupa. Quando chegou o momento de eles partirem, senti um nó na garganta. O primo Jeremias insistiu em acompanhá-los até à porta da rua e eu fui com ele, talvez na esperança de que pelo menos a minha mãe se arrependesse à
10 última hora; mas não.

– Anda, vamos para a sala. Vamos conversar um pouco, enquanto não chega a hora do teu lanche.

Repliquei-lhe que já não era meu costume lanchar e segui-o até à sala, que era grande, sombria, com uma enorme lareira, grandes poltronas onde uma pessoa se afundava, móveis
15 pesados, porcelanas e essas coisas todas.

Foi então que aprendi a verdade verdadeira, em todo o seu horror:

– Primo Jeremias, em que sala é que está a televisão?

– Televisão, Gonçalo? Eu não tenho televisão.

Fiquei gelado, de repente.

20 – Não tem... Eu... eu queria pedir-lhe que me deixasse usar o seu computador, de vez em quando... se não lhe fizer diferença...

– Nenhuma diferença, meu filho. O que acontece é que o meu computador está avariado. Já chamei o técnico, mas sabes como são os técnicos. E ainda por cima, num sítio isolado como este.

25 A custo, num supremo esforço, soprei:

– E rádio? Há rádio?

– Não. Mas não te preocupes, tenho muitos CD.

Não me detenho sobre o jantar – muito bom, admito – que a D. Pureza nos serviu. Nem sobre o serão², passado na sala, a conversar com o primo Jeremias. Aliás, foi um serão curto,
30 porque eu precisava de estar só, para sofrer. E para remoer³ à minha vontade. Portanto, aí pelas dez e meia disse que estava cansado da viagem e dei-lhe as boas-noites.

Quase em frente do meu quarto, havia uma casa de banho, para onde eu já tinha levado a escova de dentes e a máquina de barbear e essas coisas todas; de modo que me despachei bem depressa. Dez minutos depois já estava no quarto, a enfiar o pijama e a perguntar-me o
35 que poderia eu fazer para chamar o sono.

Foi então que reparei: numa das mesas de cabeceira (havia duas, uma de cada lado da cama) estava um livro, que ali fora deixado, com certeza, por um anterior hóspede do primo Jeremias. Aproximei-me para ler o título: era *O Nome da Rosa*, do Umberto Eco. E era uma coincidência engraçada: três dias antes, em casa, eu tinha visto o filme, na TV. Aliás,
40 lembrava-me de a minha mãe ter dito: «É bom, mas não vale o livro!». Eu perguntara-lhe porquê e ela dissera:

– Ora, o livro tem mais graça, tem mais «suspense»⁴, a gente compreende melhor as personagens... é melhor, pronto!

Evidentemente, eu não acreditara. Um filme vale sempre mais que um livro, sobretudo
45 quando se trata de «suspense». De modo que, levado pela zanga que sentia e também,
confesso, por uma certa curiosidade, resolvi lançar uma vista de olhos àquilo, para poder
provar a mim próprio que a razão estava do meu lado.

Deitei-me, ajeitei a almofada, peguei no livro, abri-o, comecei a ler.

João Aguiar, «*Verba Volent, Scripta Manent*», in AAVV, *O Prazer da Leitura*,
Santa Maria da Feira, Teorema, 2008, pp. 18-22 (texto com supressões).

NOTAS

¹ *ardósia* (linha 1) – rocha de cor escura.

² *serão* (linha 29) – convívio depois do jantar.

³ *remoer* (linha 30) – pensar muitas vezes na mesma coisa.

⁴ *tem mais «suspense»* (linha 42) – desperta mais interesse em relação ao que está para acontecer.

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Indique por que motivos Gonçalo acha «piada à casa do primo Jeremias» (linha 1). Justifique a resposta com citações do texto.
2. Caracterize, com base no segundo parágrafo do texto, o estado psicológico de Gonçalo.
3. Refira a importância que a televisão, o computador e o rádio têm para Gonçalo e para o primo Jeremias. Fundamente a resposta com elementos do texto (linhas 16 a 27).
4. Explícite as opiniões diferentes de Gonçalo e da sua mãe acerca da adaptação cinematográfica de uma obra literária.
5. Identifique três razões que levam Gonçalo a começar a ler o romance de Umberto Eco.
6. «Um filme vale sempre mais que um livro, sobretudo quando se trata de “suspense”.» (linhas 44-45).
Que argumento poderia Gonçalo apresentar para defender esta opinião? Refira-o e justifique a sua resposta.

GRUPO II

Leia o excerto da entrevista a Umberto Eco, que teve lugar na casa do escritor, em Milão. Se necessário, consulte as notas.

A sua biblioteca rodeia-o. Está toda aqui?

Está sobretudo aqui – perto de 30 mil volumes –, mas também na minha casa de campo. E no meu escritório na universidade e num pequeno apartamento em Paris... Todos juntos devem ser à volta de 50 mil. Recebo tantos livros que todos os meses encho duas ou três caixas e mando-as para a universidade, para os estudantes. É impossível guardá-los todos.

Os livros que guarda formam um retrato, o seu. Uma biblioteca é uma autobiografia?

Só a 70%. Os restantes 30% são acidentais e não uma escolha. Mas há por aí muita gente estúpida que, quando entra no meu apartamento, exclama: «Oh, tantos livros! Leu-os todos?».

O que responde?

Há três respostas. A primeira é: «Li muitos mais». A segunda é: «Não li nenhum, senão porque havia de os guardar?». E a terceira é: «Não, mas tenho de os ler na próxima semana». Uma biblioteca não é só um repositório dos livros que já lemos. É também o lugar onde guardamos os livros que iremos ler.

Em que família nasceu?

Nasci na pequena burguesia. De pai contabilista, nem pobre nem rico – o que hoje chamamos classe média. Tanto ele como a minha mãe foram bons leitores na juventude, mas depois passaram a ler sobretudo jornais e revistas. A minha avó materna, que tinha apenas cinco anos de escolaridade, era uma leitora voraz¹. Trazia sempre livros da biblioteca, que lia e me dava a ler. Não era seletiva, devorava Balzac² e a seguir uma novela popular. Por isso, aos 12 anos, também eu lia Balzac e novelas de cinco cêntimos, o que me deu o gosto pela leitura.

Só aos 48 anos publicou *O Nome da Rosa*.

Adiei o momento de contar histórias, porque tinha outras coisas para fazer. Só depois de ter tudo o que queria – o meu lugar na universidade, os ensaios publicados, dois filhos – é que me perguntei: «O que vou fazer agora?». Vou contar histórias.

Luciana Leiderfarb, «As mentiras são mais fascinantes do que a verdade», in *Expresso*, 20/02/2016, www.expresso.sapo.pt/cultura (texto adaptado).

NOTAS

¹ *leitora voraz* (linha 18) – pessoa que lê constantemente.

² *Balzac* (linha 19) – escritor francês do século XIX.

1. Para responder a cada um dos sete itens que se seguem (1.1. a 1.7.), escolha a opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1. Na linha 6, a palavra «autobiografia» designa o conjunto de livros

- (A) cujo conteúdo é marcadamente biográfico.
- (B) que Umberto Eco oferece à universidade.
- (C) em que o escritor narra episódios da sua vida.
- (D) que expressam os interesses de Umberto Eco.

1.2. Nas linhas 10 e 11, as três respostas dadas pelo escritor demonstram

- (A) grande surpresa.
- (B) sentido de humor.
- (C) sentimento de orgulho.
- (D) confiança excessiva.

1.3. Umberto Eco adquiriu «o gosto pela leitura» (linha 20) desde muito novo, devido ao facto de

- (A) a sua família pertencer à classe média.
- (B) o preço dos livros ser bastante acessível.
- (C) a sua avó lhe ter dado a ler vários tipos de livros.
- (D) os seus pais lerem regularmente jornais e revistas.

1.4. Nas linhas 4 e 6, a palavra «que» é

- (A) uma conjunção em ambos os casos.
- (B) um pronome em ambos os casos.
- (C) um pronome e uma conjunção, respetivamente.
- (D) uma conjunção e um pronome, respetivamente.

1.5. A palavra que desempenha a função sintática de complemento indireto em «eu lia Balzac e novelas de cinco cêntimos, o que me deu o gosto pela leitura» (linha 20) é

- (A) «Balzac».
- (B) «que».
- (C) «me».
- (D) «leitura».

1.6. Na frase «Adiei o momento de contar histórias, porque tinha outras coisas para fazer.» (linha 22), o conector sublinhado é

- (A) disjuntivo.
- (B) causal.
- (C) temporal.
- (D) adversativo.

1.7. Na linha 23, os travessões delimitam

- (A) uma explicitação.
- (B) um comentário.
- (C) um argumento.
- (D) uma citação.

2. Associe cada oração sublinhada na coluna **A** à respetiva classificação apresentada na coluna **B**.

Escreva, na folha de respostas, as letras e os números correspondentes.

Utilize cada letra e cada número apenas uma vez.

COLUNA A	COLUNA B
<p>(a) «Mas há por aí muita gente estúpida que, <u>quando entra no meu apartamento</u>, exclama [...]» (linhas 7-8)</p> <p>(b) «E a terceira é: “Não, <u>mas tenho de os ler na próxima semana</u>”.» (linha 11)</p> <p>(c) «Uma biblioteca não é só um repositório dos livros <u>que já lemos</u>.» (linha 12)</p>	<p>(1) oração coordenada adversativa</p> <p>(2) oração subordinada substantiva completiva</p> <p>(3) oração subordinada adverbial temporal</p> <p>(4) oração subordinada adjetiva relativa</p> <p>(5) oração coordenada conclusiva</p>

GRUPO III

Observe a imagem.



Panos Maragos, «TV», in *World Press Cartoon*, Lisboa, 2008, p. 77.

Redija um texto, de cento e vinte a cento e oitenta palavras, em que:

- descreva os vários elementos que compõem a imagem;
- refira a intenção crítica deste desenho humorístico, relacionando o lugar atribuído a cada objeto com o tamanho dos três homens.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2018/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre cento e vinte e cento e oitenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 2 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a quarenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

Grupo	Item							
	Cotação (em pontos)							
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.		
	16	16	16	16	16	16		96
II	1.1.	1.2.	1.3.	1.4.	1.5.	1.6.	1.7.	2.
	8	8	8	8	8	8	8	8
III	Item único							
								40
TOTAL								200